

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº613
De 20 de maio
a 03 de junho
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



É HORA DE LUTAR!

CHEGA DE GENOCÍDIO, FOME E DESEMPREGO



**>> VACINA PARA TODOS >> AUXÍLIO-EMERGENCIAL
DE R\$ 600 JÁ! >> ESTABILIDADE NO EMPREGO**

FORA BOLSONARO E MOURÃO!



PDF INTERATIVO

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



**COMPRANDO
VACINA**

**COMPRANDO
"TRATOR"**

**Sou imorrível,
imbrochável
e também
sou incomível**



Bolsonaro durante conversa com apoiadores no Palácio da Alvorada. Na mesma conversa, Bolsonaro chamou de "idiotas" quem fica em casa para se proteger do Covid.

PRÉ-LANÇAMENTO



WWW.EDITORASUNDERMANN.COM.BR

SOLIDARIEDADE DE CLASSE

Arsenal de guerra indo para Israel é paralisado por trabalhadores

Enquanto Israel promove um novo genocídio contra o povo palestino, trabalhadores do porto de Livorno, na Itália, descobriram um carregamento de armas que se dirigia para Israel. Os trabalhadores se recusaram a carregar o barco em apoio aos palestinos. Armas e explosivos que serão usados para matar a população palestina, já atingida por um severo ataque nos últimos dias que já causou centenas de vítimas entre a população civil, incluindo muitas crianças. Sindicatos de estivadores estão tentando reunir informações sobre mais carrega-



mentos para impedi-los de chegar a Israel em solidariedade à Palestina. Ontem, eles receberam um relatório so-

bre a presença de dezenas de veículos militares blindados prontos para serem embarcados no Molo Italia.

MAMATA DOS MILICOS

Esquema de corrupção no Ministério da Saúde

O Ministério da Saúde realizou contratos fraudulentos no Rio de Janeiro. Reportagem do Jornal Nacional no último dia 18 mostrou que o ministério, sob o comando de Eduardo Pazuello, firmou contratos sem licitação com empresas privadas para reformar prédios antigos. A fim de driblar as licitações, teriam usado a pandemia para caracterizar essas obras como "urgentes". Um coronel da reserva, George Divério, nomeado por Pazuello para chefiar a Superintendência Estadual do Ministério no Rio, foi quem autorizou as contratações sem licitação



que somam quase R\$ 30 milhões. Divério escolheu uma empresa, a LLED Soluções, cujos proprietários já se envolveram num escândalo em contratos com as Forças Ar-

madadas. Os empresários apresentam as Forças Armadas como principais clientes. Só no governo Bolsonaro, a empresa teria ganhado R\$ 4 milhões em contratos.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO


FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

 opinioao@pstu.org.br

 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



É hora de mobilização!

Vem aí o 29M

A crise social só se aprofunda diante do brutal aumento da exploração, da miséria e da barbárie imposto pelos capitalistas. Já a política genocida de Bolsonaro se estende às outras áreas, como na política econômica de Paulo Guedes, que sequer esconde que preferiria que os idosos morressem ou que o filho do porteiro não fosse à faculdade. Diante da política deste governo, o número de mortos na pandemia aumenta na mesma proporção que a fortuna dos bilionários, os lucros dos bancos, das multinacionais e das grandes empresas.

O tamanho desta crise vem provocando, também, um abalo no andar de cima. A popularidade de Bolsonaro está derretendo, como mostrou recente pesquisa do Datafolha: 45% de ruim e péssimo, contra apenas 24% de aprovação. Produto direto da crise social que se reflete numa crise política alimentada por denúncias de corrupção, como o “bolsolão”.

Bolsonaro se vê cada vez mais isolado e acuado. É neste contexto que se dá a CPI, expressão da crise ao mesmo tempo em que a aprofunda, mas cujo objetivo, no Congresso Nacional, é apenas desgastar o governo e canalizar o descontentamento eleitoralmente.

Bolsonaro tenta responder à crise radicalizando seu discurso, tanto em relação à pandemia (xingando quem mantém distanciamento social de “idiotas”, por exemplo), quanto em relação às suas ameaças de golpe. Vem indicando, inclusive, que não vai aceitar qualquer resultado eleitoral que não seja sua vitória, tal como Trump fez nos Estados Unidos. Mas, os atos em sua defesa, no último dia 15, foram bem pequenos perto de toda a estrutura colocada à sua disposição, mostrando que sua base, embaixo, também se corroi.

Enquanto isto, se a maioria das direções dos movimentos,



atua para canalizar a indignação para 2022, e defende uma política de Frente Ampla com a burguesia para governar o país, o ativismo pressiona por mobilização. A plenária da campanha unificada pelo “Fora Bolsonaro” aprovou um ato no dia 26 de maio, em Brasília, e uma jornada de mobilizações no dia 29.

FRENTE AMPLA É INSISTIR NUM CAMINHO DE FALSAS ESPERANÇAS E DESILUSÃO

Os maiores partidos e lideranças das maiores centrais estão muito mais focadas nas eleições, seja o PT, na construção da candidatura Lula em aliança com banqueiros, agronegócio, grande indústria e comércio e os seus partidos; seja a direção do PSOL, cuja maioria não apenas se soma a esse movimento, como está se esforçando para se mostrar cada vez mais confiável aos capitalistas.

Essa é a razão pela qual, em São Paulo, Boulos atua em defesa da aliança com o PT e de uma frente amplíssima, e, no Rio, Marcelo Freixo defende um acordo para o governo do estado no qual cabe até o DEM de Ro-

drigo Maia. Ou seja, um projeto de governo de conciliação com os banqueiros, grandes empresários, o agronegócio e os bilionários de sempre.

É hora, sem dúvida, de toda unidade para lutar e derrotar Bolsonaro. Mas é preciso ao mesmo tempo construir um projeto de independência de classe e socialista para o país.

FORA BOLSONARO E MOURÃO! CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA OPERÁRIA E SOCIALISTA

A classe não está derrotada e pode se levantar, apesar de um quadro ainda majoritário de refluxo, formado pela combinação da pandemia, desemprego e a política da maioria das direções.

A greve na LG e das operárias das empresas fornecedoras foi bastante vitoriosa. Os metroviários de São Paulo, da mesma forma, entravam em greve enquanto fechávamos esta edição contra os ataques do governo Doria. No “13 de maio”, especialmente a juventude negra realizou expressivos atos pelo país, respondendo à chacina do Jacarezinho, à violência racista

e policial e à política genocida do governo Bolsonaro. E tudo aponta para um fortalecimento das lutas, neste dia 29.

É preciso jogar forças nessas mobilizações, seguindo todas as medidas de segurança, como distanciamento e o uso de máscaras N95 ou PFF2. Rumo a uma greve geral sanitária, por vacina para todos já; auxílio-emergencial de R\$ 600 (deveria ser de um salário mínimo) enquanto durar a pandemia, e por fora Bolsonaro e Mourão, já.

Nesta luta, é preciso avançar na organização da classe trabalhadora e debater uma alternativa de programa e projeto de país, que contenha medidas de emergência, que girem a economia para enfrentar a pandemia, o desemprego e a fome. Garantir estabilidade no emprego, redução da jornada sem redução dos salários, um plano de obras públicas que gere empregos, com a universalização do saneamento básico e moradia para todos.

Um programa que também defenda o fortalecimento da educação pública e do SUS, acabando com as terceirizações e políticas de privatização em

prol da saúde privada, parando as privatizações e a entrega do patrimônio público, reestatizando as empresas vendidas, colocando-as sob o controle dos trabalhadores.

Para isso, é preciso enfrentar os bilionários que lucram com a nossa morte e desemprego; parar o pagamento da dívida e estatizar o sistema financeiro, sob o controle operário, impedindo a fuga de capitais. E, ainda, estatizar a saúde privada. Isso é possível, mas exige que a classe esteja mobilizada e consciente, pois precisamos construir um governo socialista dos trabalhadores.

Para avançar neste projeto, é fundamental a construção um polo operário e socialista, unindo os trabalhadores, com independência de classe, como fez a CSP-Conlutas e a Intersindical no 1º de Maio, e debatendo um programa socialista de transformação social, que acabe com esse genocídio, com a fome, a miséria, o desemprego e a desigualdade.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/RSOW](https://pstu.ml/rsow)

INDÍGENAS

Onze dias sob ataque: yanomamis resistem a invasão de garimpeiros



JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

O povo yanomami nunca esteve tão ameaçado quanto agora. No dia 10 de maio, garimpeiros armados, vestidos de preto e com algumas roupas com o escrito “polícia” atacaram a aldeia Palimú. Os indígenas reagiram e, segundo contam, três garimpeiros morreram, cinco foram baleados e um yanomami ficou ferido.

Os garimpeiros estão acima do Rio Uraricoera, que passa em frente à aldeia. Por isso, é constante a movimentação de lanchas na frente da comunidade. Em 11 de maio, houve um novo ataque no momento em que a Polícia Federal coletava depoimentos dos indígenas sobre o ataque no dia anterior. No dia 12, quarta-feira, novo ataque dos garimpeiros, horas depois de soldados do exército deixarem a aldeia. Os militares ficaram apenas duas horas. Os ataques se sucederam nos de-

mais dias da semana e o último ocorreu na noite do dia 16, domingo. Desta vez, os garimpeiros chegaram em 15 lanchas atirando e jogando bombas de gás na comunidade.

INVASÃO DE 20 MIL GARIMPEIROS

Calcula-se que mais de 20 mil garimpeiros invadiram a Terra Indígena (TI) Yanomami durante a pandemia. A invasão contaminou os rios com mercúrio e também introduziu a Covid-19 nas aldeias. Segundo informações dos indígenas e investigações da PF, os garimpeiros são dirigidos pelo PCC e muitos garantem que estão fortemente armados.

Em março, o relatório Cibratrazes da Floresta, mostrou a explosão do garimpo ilegal no território yanomami. De acordo com o levantamento, a atividade cresceu 30%, gerando uma área degradada de 2.400 hectares e pondo em risco grupos isolados, como os moxihatetema.



Acampamento garimpeiro no rio Uraricoera, na TI Yanomami

DESNUTRIÇÃO

Na aldeia Maimasi, a foto de uma criança yanomami que jaz sobre a rede, expondo as costelas como sinal de desnutrição, correu o mundo. A imagem e a história por trás dela foram obtidas pelo missionário católico Carlo Zaccuini, 84, que atua entre os yanomamis desde 1968. Os yanomamis sofrem com o au-

mento da malária e com a desnutrição infantil crônica, que atinge 80% das crianças até cinco anos, segundo estudo realizado em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fio-cruz) e o Ministério da Saúde.

INVASÃO É INCENTIVADA POR BOLSONARO

A invasão garimpeira explodiu sob o incentivo de Bolsonaro que

promete legalizá-los e pagar pelo alto preço do minério. Em 29 de abril, em sua live, Bolsonaro anunciou que quer visitar um garimpo na Amazônia nas próximas semanas. “Não vamos prender ninguém. Não vai ser uma operação para ir atrás. Eu quero conversar com o pessoal, como eles vivem lá, para começar a ter uma noção de quanto sai de ouro”, antecipou.

A PREPARAÇÃO DE UM MASSACRE

É absolutamente incrível que nem a PF, nem exército ou qualquer força policial tenham até agora no mínimo buscado impedir os ataques à aldeia Palimú. Está na cara que vão deixar algum massacre acontecer. Os yanomami clamam por proteção e são absolutamente ignorados pelo Estado. Isso ocorre por que tem a intenção de abrir as terras indígenas da Amazônia para a mineração, mesmo que isso promova um genocídio dos povos ameríndios.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/ENEHN](https://pstu.ml/ENEHN)

CENTRALIZAR A JAGUNÇADA

Bolsonaro quer expandir milícias na Amazônia

A ocupação irregular de áreas da Amazônia Legal cresceu 56% nos dois primeiros anos de Bolsonaro, segundo levantamento do Instituto Socioambiental (ISA). Ao final de 2020, eram 10,6 milhões de hectares de terras ocupadas irregu-



Com quadro de verminose e malária, criança yanomami dorme em rede na aldeia Maimasi

larmente, uma área maior que todo o estado de Pernambuco. Tudo isso dentro de áreas do governo federal (unidades de conservação, áreas de proteção ambiental e terras indígenas).

Existem verdadeiras quadrilhas que roubam terras, extraem madeiras e minérios ilegalmente nessas áreas, controlam rios e rotas para tráfico de drogas em áreas de fronteira. O problema é que elas estão muito dispersas. Por isso, o plano do governo Bolsonaro é centralizar as milícias que atuam em toda a região Norte. Ou seja, a família Bolsonaro pretende expandir seus negócios para a região amazônica. Não por acaso, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, pousa seu helicóptero em fazendas de grileiros de terras ou madeireiros, como ocorreu

no sul do Pará (clã de Walter Dacroce), em Rondônia (madeireiros de Espigão d'Oeste), tira fotos com invasores de terra da Reserva Extrativista Chico Mendes (Acre) e garimpeiros que invadiram terras dos Mundurucu (Pará). Isso sem mencionar que Salles visitou os madeireiros da BR 163 que promoveram o chamado dia do fogo (10 de agosto de 2019), em Novo Progresso (PA). Há muitas outras visitas de Salles com essa gente.

Além disso, Bolsonaro quer dar às PMs da região o poder de fiscalização ambiental. Como parte desse projeto, Wilson Lima, governador do Amazonas, acaba de colocar nas mãos desse efetivo policial seis de 21 metralhadoras israelenses Negev que comprou, ao que contou inclusive com repasse de



NÓS POR NÓS - Yanomami estão sozinhos na defesa do seu território contra a invasão garimpagem

recursos da União para a infame aquisição por R\$ 6 milhões. Armas que derramam o sangue palestino agora servirão para matar mais indígenas e camponeses.

Todo mundo sabe que uma parte da corporação atua como jagunços fardados dessa gente

amiga de Bolsonaro, ou forma grupos de extermínio que matam pobres. Se a PM passar a ter poder de fiscalização ambiental, o poder miliciano vai dar um salto em toda a região. Vai oficializar as PMs como a tropa de madeireiros, garimpeiros e grileiros de terra.

GENOCÍDIO

CPI escancara crimes de Bolsonaro durante a pandemia

Mesmo com mentiras e limitações, depoimentos na comissão jogam luz sobre detalhes da política genocida do governo



DA REDAÇÃO

Enquanto fechávamos esta edição, o ex-ministro da Saúde e general do Exército, Eduardo Pazuello, finalmente depunha na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado sobre a pandemia. O general nem precisou usar seu habeas corpus concedido pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que o permitia ficar em silêncio para não se incriminar. Preferiu mentir.

Seguindo o exemplo do ex-secretário de Comunicação, Fábio Wajngarten, Pazuello não só se utilizou de evasivas, como mentiu descaradamente sobre o desprezo do governo em relação às vacinas, à criminosa imposição da cloroquina e demais medicamentos sem eficácia e à omissão do governo federal na tragédia de Manaus quando, mesmo sabendo da falta de oxigênio, nada fez, deixando centenas morrerem asfixiados nos hospitais.

As mentiras ditas aos montes durante a CPI, com a tolerância dos senadores, porém, longe de aliviar a barra do governo, servem apenas para escancara a sequência de crimes praticada por Bolsonaro e sua corja durante a pandemia em função de sua política de “imunização de rebanho”. E aumentam, ainda mais, o ódio e indignação diante do genocídio.

CPI EXPLICITA POLÍTICA DE GENOCÍDIO DE BOLSONARO

A instalação da CPI foi uma derrota do governo. Mesmo com o acordo com o Centrão, e um esquema corrupto ao estilo do Mensalão para tentar manter apoio parlamentar, Bolsonaro não conseguiu impedir a criação da Comissão, como também não está conseguindo estancar a crise que se aprofunda a cada novo depoimento. São cada vez mais detalhes, documentos e testemunhos que, mesmo a contragosto dos depoentes e em meio a mentiras

flagrantes, explicitam o descaso e a política genocida do governo.

A CPI é resultado do aprofundamento da crise social, econômica e sanitária, com o consequente aumento do desgaste do governo. Expressa, ainda, uma divisão interburguesa cada vez maior, que se reflete no agravamento da crise política. Ou seja, ao mesmo tempo em que é produto do agravamento da crise, incide sobre ela e a aprofunda ainda mais.

A comissão, no entanto, bate numa limitação bastante concreta: não é intenção da oposição parlamentar tirar Bolsonaro, como também não é esta a política majoritária da burguesia, hoje. Alguém realmente acredita que Renan Calheiros está preocupado com a pandemia e em arrancar Bolsonaro do poder?

A estratégia da oposição, incluindo Lula e o PT, é a de capitalizar a projeção da CPI e desgastar Bolsonaro, com vistas em 2022. Porém, sendo parte da cri-



Pazuello na CPI

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/ZDNCK](https://pstu.ml/zdnck)

se, a CPI também pode escapar ao controle, catalisando o descontentamento que cresce embaixo e indo para onde nem Bolsonaro, nem a oposição, querem.

FORA BOLSONARO E MOURÃO, JÁ!

Não se pode relegar a tarefa de tirar Bolsonaro para a CPI e o Congresso Nacional, ou deposi-

tar confiança nos ventos da conjuntura. É preciso chamar a mobilização da classe trabalhadora pelo “Fora Bolsonaro e Mourão, já”, como parte da luta pela vacinação para todos e a quebra das patentes, auxílio-emergencial de pelo menos R\$ 600 enquanto durar a pandemia, lockdown, estabilidade no emprego e auxílio ao pequeno negócio.

REVELAÇÕES

Alguns dos crimes de Bolsonaro levantados durante a CPI



Defesa da cloroquina

Os ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich relataram a existência de um “gabinete paralelo” para aconselhar Bolsonaro na gestão da crise e indicar medicamentos como cloroquina, a fim de dar a falsa impressão de segurança e mandar o povo para a rua. Mandetta afirmou que Bolsonaro esteve prestes a baixar um decreto mudando a bula da cloroquina para tratar Covid. Fato referendado pelo diretor-presidente da Anvisa, e amigo de Bolsonaro, o contra-almirante Antônio Barra Torres. O ex-ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, seguidor de Olavo de Carvalho, confessou ter atuado para importar grande quantidade de cloroquina, principalmente da Índia.



Descaso com as vacinas

Mesmo mentindo para não incriminar o governo, o ex-chefe da Secretaria de Comunicação (Secom), Fábio Wajngarten, teve que admitir que enviou carta da Pfizer ao governo, em setembro, oferecendo vacinas, sendo ignorado. O ex-presidente da Pfizer, Carlo Murillo, relatou uma série de ofertas de vacinas ignoradas, tendo sido a primeira realizada ainda em agosto de 2020. Oferta que teria possibilitado ao país 4,5 milhões de doses entre dezembro e março. Segundo estimativas do epidemiologista Pedro Hallal, professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), só essas doses poderiam ter evitado cerca de 25 mil mortes.



Combate às medidas de distanciamento

Mandetta foi obrigado a dizer que, ainda em março de 2020, enviou carta a Bolsonaro traçando uma projeção de mortes pela pandemia no país durante o ano e o risco de colapso do sistema de saúde. O então ministro previa 180 mil mortes, sendo que o ano terminou com 194 mil. Oficialmente alertado, Bolsonaro não só não deixou de combater as medidas de distanciamento, como reiterou sua estratégia de imunização de rebanho. “Vai molhar 70% de vocês. Isso ninguém contesta. E toda nação vai ficar livre de pandemia depois que 70% for infectado e conseguir os anticorpos”, disse em entrevista a Datena no início de abril.

GOVERNO BOLSONARO

Fome, desemprego e corrupção

ROBERTO AGUIAR
DE SALVADOR (BA)

No dia 13 de abril último, mulheres, chefes de família, fizeram um protesto na cidade de Lauro de Freitas, localizada na Região Metropolitana de Salvador, exigindo que a prefeita Moema Gramacho (PT) retomasse o programa do kit alimentação, distribuído aos alunos da rede municipal. Há quatro meses o kit não estava sendo entregue. As mães lançaram o movimento “A fome não espera”.

Alguns dias após a mobilização, a Prefeitura retomou o programa, mas com redução. “Além de ficarmos quatro meses sem os alimentos, o novo kit veio com uma redução na quantidade dos alimentos. Isso é um absurdo. A situação está grave, têm muitas famílias passando fome”, denun-

ciou uma das mães ao programa de rádio Bahia no Ar.

DEZENOVE MILHÕES NÃO TÊM NEM O QUE COMER

A pandemia tem muitos reflexos, e um dos mais cruéis é a fome. Segundo dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Pensan), cerca de 117 milhões de

brasileiros não se alimentam como deveriam, com qualidade e em quantidade suficiente. Destes, 19 milhões não têm nem o que comer.

A pesquisa mostra que a fome no Brasil também tem cara e tem cor: mulheres da periferia, chefes de família, negras, com pouco estudo. Como é o caso das mães que protestaram em Lauro de Freitas.



Protestos em Lauro de Freitas (BA) contra a fome

DEBOCHE



Churrasco milionário de Bolsonaro

Enquanto mães, negras, pobres, moradoras da periferia precisam ir às ruas para garantir cestas básicas para alimentar seus filhos, no Dia das Mães o presidente genocida Jair Bolsonaro organizou um grande churrasco para amigos e familiares no Palácio da Alvorada. Entre as carnes oferecidas aos convidados, estava uma picanha de boi da raça wagyu, de origem japonesa, vendida a R\$ 1.799,99 o quilo.

Isso é debochar com a cara do povo pobre do nosso país. Cada quilo da carne servida no churrasco de Bolsonaro equivale a 12 auxílios emergenciais de R\$ 150,00.

NÃO DÁ PRA COMPRAR NADA

Auxílio emergencial insuficiente



Assim como a fome, cresceu o desemprego na pandemia. A política econômica do governo Bolsonaro aprofundou a desigualdade social. Enquanto destinou milhões para os bancos e grandes empresas, demorou em apresentar um programa para ajudar os desempregados e o povo pobre.

A proposta inicial de Bolsonaro era pagar um auxílio emergencial de R\$ 200,00. A proposta dele foi derrotada na Câmara Federal, que aprovou o valor de

R\$ 600,00 e R\$ 1.200,00 (para mulheres chefes de família), que sabemos que não é suficiente.

Vimos as longas filas, as humilhações que as pessoas tiveram que passar para receber o auxílio. Após a quinta parcela, os valores foram reduzidos à metade. No final do ano, o programa foi encerrado.

Iniciaram o ano de 2021 sem o auxílio emergencial 68,2 milhões de pessoas. Bolsonaro dizia que o país estava sem dinheiro. Nessa primeira fase

do auxílio emergencial, o governo gastou R\$ 295 bilhões, o que corresponde a 4% do Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma de todas as riquezas produzidas no Brasil. Já com juros e amortizações da dívida pública, Bolsonaro gastou quase R\$ 1,4 trilhão, o que equivale a 39% do PIB brasileiro. Para os desempregados e o povo pobre, auxílio emergencial de miséria. Para os cofres dos banqueiros parasitas, trilhões de reais.

Janeiro, fevereiro e março foi um trimestre letal da pandemia de Covid-19 no Brasil. E não teve nenhuma política pública social do governo federal, piorando ainda mais a vida dos que já estão em uma situação difícil.

Depois de muita pressão, o governo federal votou um novo auxílio emergencial, com parcelas ainda mais reduzidas. Ele começou a ser pago a partir de abril, em quatro parcelas, com valores de R\$ 150,00, R\$ 250,00 ou R\$ 375,00, dependendo da família. Se o auxílio anterior já era insuficiente, esse é pior ainda. Não à toa 87% da população brasileira criticam o novo auxílio, e a maioria diz faltar dinheiro para sobreviver, aponta a pesquisa Datafolha divulgada no último dia 13 de maio.

Quase nove entre cada dez brasileiros avaliam que o valor do novo auxílio emergencial pago pelo governo federal é insuficiente. “Me diz o que consigo comprar com R\$ 150,00 para me alimentar o mês todo? E as minhas outras necessidades? Isso não é auxí-

lio, é esmola”, desabafou o jovem Gustavo Castro, morador do bairro do Lobato, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que está desempregado desde o início da pandemia.

Outra ação do governo foi excluir pessoas da lista de beneficiários. Estão fora da lista do novo auxílio 22,6 milhões que foram beneficiadas ano passado. Além de reduzir o que já era pouco, o governo retirou pessoas do programa, justamente quando piora a situação da pandemia, aumenta o número de desempregados e daqueles que passam fome no país.

Segundo dados da FGV Social, o Brasil tem hoje 35 milhões de pessoas na pobreza extrema, ou 16% da população vivendo com menos de R\$ 246,00 ao mês. Em 2019, elas somavam 24 milhões, ou 11% do total. Desde agosto do ano passado, ápice do pagamento do auxílio emergencial, quase 32 milhões de pessoas deixaram a classe C (renda domiciliar entre R\$ 1.926,00 e R\$ 8.303,00) em direção às D/E ou à miséria.

PERVERSIDADE

Enquanto paga auxílio miserável, Bolsonaro aumenta em 69% seu próprio salário

Enquanto os de baixo des-
cem, os de cima sobem. É assim
no governo Bolsonaro. A renda
dele e da corja que o acompanha
teve um aumento de 69%, tudo
isso apenas numa canetada.

O governo federal assinou
uma medida que autoriza au-
mento de até 69% do alto es-
calão do governo, furando o
texto constitucional. A nova
portaria da Secretaria de Ges-
tão e Desempenho de Pessoal
do Ministério da Economia já
está em vigor. Antes, o teto in-
cidia sobre toda a remuneração
e não podia ultrapassar o salá-
rio de um ministro do Supremo
Tribunal Federal (STF), de R\$
39.292,32. A canetada de Bolso-
naro mudou a regra, e agora o
teto vale para cada vencimen-
to. Ou seja, conta-se o salário
e uma eventual aposentadoria
ou soldo de militar de forma
separada, na prática dobrando
o teto para R\$ 78.586,64.

Bolsonaro, por exemplo, re-
cebe R\$ 30,9 mil pela função de

presidente, mais R\$ 10,7 mil da
reserva do Exército. Antes ele
recebia o teto do funcionalis-
mo, tendo abatido o valor que
excedia ao limite. Mas, com a
sua própria portaria, passou a
receber integralmente os ven-
cimentos, no total de R\$ 41,6
mil. Ministros-generais vão ter
um salto ainda maior. O salário
de Mourão passa de R\$ 39,3 mil
para R\$ 63,5 mil. O do minis-
tro da Casa Civil, Luiz Eduardo
Ramos, foi para R\$ 66,7 mil. O
impacto da medida deve ser de
R\$ 66 milhões ao ano.

Bolsonaro diz que o Brasil
não tem dinheiro para garan-
tir o auxílio emergencial, mas
tem dinheiro para garantir su-
persalários para ele e seus mi-
nistros. Enquanto isso, os ser-
vidores públicos, incluindo os
que estão na linha de frente no
combate à pandemia, têm seus
vencimentos congelados, e o
conjunto da população sofre
com o desemprego em massa
e uma forte queda na renda.

**A CORRUPÇÃO CONTINUA**

Bolsolão, grana debaixo dos panos pra aliados



Além da mamata dos supersa-
lários, a corrupção também con-
tinua no governo de Bolsonaro.
Tudo o que ele questionava dos
governos anteriores permanece
no seu. Bolsonaro faz acordos
com o Centrão para ter apoio no
Congresso Nacional, transfor-
mando o comando das empre-
sas estatais em balcão de negó-
cios e em esquemas de corrupção.

Reportagem do jornal O Esta-
do de S. Paulo, publicada no úl-
timo dia 9 de maio, revela um or-
çamento secreto do governo federal,
muito semelhante ao “Mensalão
do PT”, esquema de compra de
votos e apoio político de deputa-
dos que estourou em 2005 e que
custou aos cofres públicos mais
de R\$ 140 milhões.

O orçamento secreto de Bol-
sonaro é de R\$ 3 bilhões, que fo-
ram distribuídos para aliados por
debaixo dos panos, num esque-

ma que envolve compra de trato-
res superfaturados e repasses de
verba para outros estados, longe
das bases dos parlamentares. O
esquema já foi apelidado de “Bol-
solão” e “Tratoração”, em referên-
cia aos equipamentos agrícolas
superfaturados em até 259%.

O governo usou R\$ 3 bilhões
do Orçamento Público para ele-
ger os presidentes da Câmara e do
Senado. Dinheiro suficiente para
comprar mais de 170 milhões de
doses da vacina AstraZeneca ou
pagar um milhão de salários de
enfermeiros(as).

Bolsonaro, que gritava aos
quatro cantos que ia acabar com
a corrupção, está envolvido até o
pescoço nos velhos esquemas de
corrupção e do toma lá da cá da
política brasileira.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/H51PB](https://pstu.ml/H51PB)

PANDEMIA

Terceira onda da pandemia vai causar mais vítimas. Bolsonaro genocida é o responsável

“Tem uns idiotas aí, o ‘fique em casa’. Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa.” Foi o que disse Bolsonaro no dia 17 de maio, quando o Brasil caminhava para atingir 430 mil mortes, segundo dados oficiais.



DA REDAÇÃO

Essa foi mais uma das incontáveis declarações criminosas do presidente genocida que continua defendendo a mesma tese da imunidade de rebanho, despreza todos os protocolos científicos e trata o povo trabalhador como bucha de canhão. Ao mesmo tempo, a declaração também deixa explícito por que o governo paga uma miséria de auxílio emergencial, enquanto aumenta escalada do morticínio, da pobreza e da fome (leia páginas 6 e 7).

Empurrar os trabalhadores para o abate, não garantindo nem renda ou emprego, teve seu custo em vidas. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), houve um aumento em 71,6% dos desligamentos do emprego por morte dos trabalhadores celetistas, entre os primeiros trimestres de 2020 e 2021. O Amazonas, castigado por duas ondas da pandemia que levaram o estado ao colapso, foi o local onde houve a maior ampliação desse tipo de desligamento, registrando aumento de 437,7%.

Já entre os trabalhadores da educação, o crescimento foi de 106,7%, e mesmo assim governadores ficam pressionando pela retomada das aulas presenciais. No setor do transporte, armazenagem e correios, o crescimento foi de 95,2% (veja a tabela ao lado).

Esse é o resultado de um país que nunca fez lockdown de verdade, que não garante auxílio emergencial aos trabalhadores e pequenos comerciantes ou proteção ao emprego. De um governo genocida que chamada de “idiotas” aqueles que querem viver e proteger suas famílias.

BOLSONARO DIZ NÃO A VACINAS

Ao mesmo tempo, o país vai acompanhando os depoimentos na CPI da pandemia no Senado que apenas confirmam o que todo mundo já sabe: que a disseminação do vírus encontrou um aliado perfeito em Bolsonaro.

O Brasil vai descobrindo que o genocida pressionou até pela mudança da bula da cloroquina, um medicamento que, além de ser totalmente ineficaz contra a Covid-19, também pode causar sérios danos à saúde. Enquanto isso, o governo desprezou a com-

pra de vacinas, como as mais de 70 milhões de doses da Pfizer ofertadas ao Brasil.

Segundo os cálculos do epidemiologista Pedro Hallal, professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), caso tivesse aceitado a oferta, o Brasil poderia ter evitado entre 14 mil a 25 mil óbitos no melhor dos cenários estimado pelo cientista. Além disso, 30 mil internações em UTIs poderiam ter deixado de acontecer.

Segundo a imprensa, a CPI já tem documentos que comprovam que Bolsonaro recusou 11 ofertas de vacinas. Por tudo isso,



por suas declarações e atitudes, há motivos de sobra para afastar Bolsonaro e Mourão e levá-los à justiça por crimes contra a humanidade. Mas a CPI está mais inte-

ressada em desgastá-lo, de olho nas eleições de 2022. Enquanto isso, o Brasil poderá enfrentar uma terceira onda de contágios ainda mais mortífera.

ENVIANDO PARA O ABATE

Aumento de desligamentos do emprego por morte dos trabalhadores

Médicos	204%
Eletricidade/Gás	142%
Enfermeiros	116%
Educação	106,7%
Adm. Pública	100%
Transporte/entrega:	95,2%

(fonte: Dieese)

ATENÇÃO

Terceira onda vem aí!

Uma nova onda do vírus se aproxima do Brasil com a chegada do inverno. É o que sugerem os dados que apontam um crescimento da média móvel de novos casos e mortes nos últimos sete dias, depois de 15 dias em queda.

Isso é resultado direto da reabertura precipitada feita pelos governos e prefeituras. Aos primeiros sinais de queda no número diário de mortes, os governadores foram afrouxando

as quarentenas e reabrindo tudo. O que é particularmente cruel em muitos estados onde sequer há ainda leitos de UTIs disponíveis, como no Paraná, que reabriu tudo mesmo com 300 pessoas na fila por um leito.

Hoje, o país está novamente “aberto” para a circulação descontrolada do vírus, o que possibilita novas mutações, mais contagiosas e mortais. É isso que explica o chamado “rejuvenescimento” da pandemia, ou seja,

o contágio e o óbito de pessoas mais jovens. Não há mais grupos de riscos. Todos estão sujeitos às severas consequências do vírus. Assim, é de se esperar uma nova escalada das estatísticas de óbitos para os próximos dias. O Brasil pode registrar até 970 mil mortes até setembro, segundo um estudo da Universidade de Washington, nos EUA.

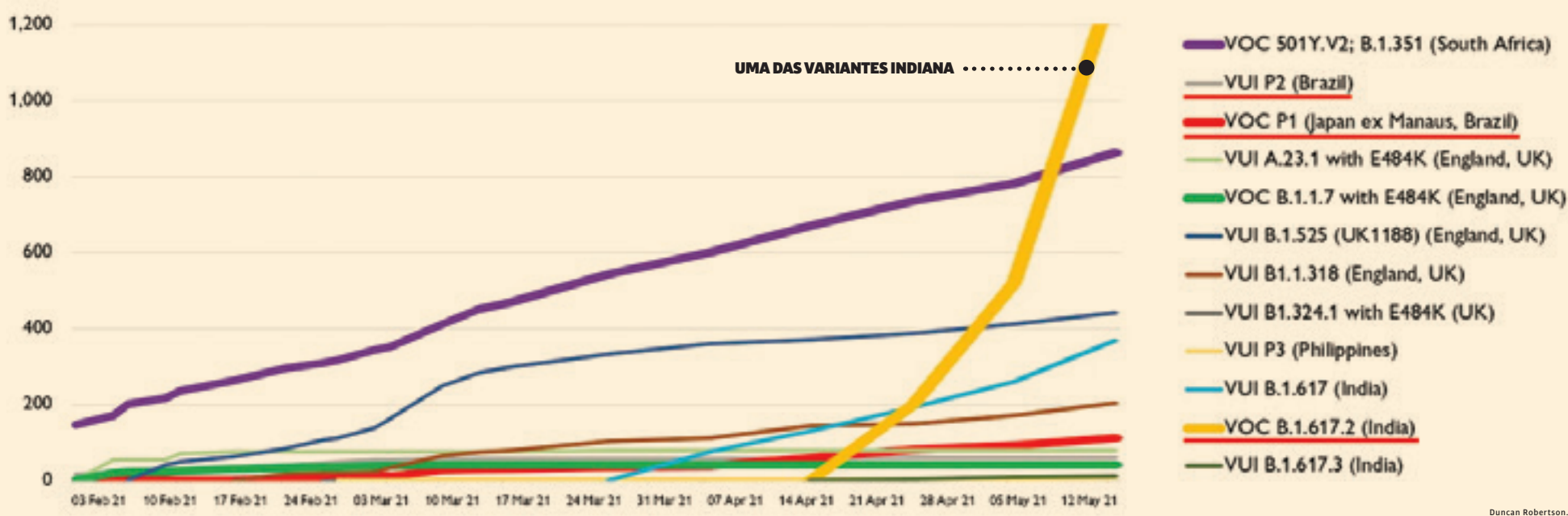
Além disso, uma nova onda pode contar ainda com a presença de novas variantes que já

surgiram no mundo, elevando o patamar do colapso. Essa é a preocupação com a chegada da variante indiana ao Brasil. Na verdade, é uma questão de tempo, uma vez que a variante já foi detectada na Argentina.

Um estudo realizado no Reino Unido pelo infectologista Duncan Robertson, da Universidade de Oxford, mostra que a variante indiana (chamada de B.1.617.2) contagiou mais de 1.300 pessoas em apenas 15 dias.

O estudo sugere que essa é a mutação mais contagiosa de todas as variantes do vírus surgidas até agora (veja gráfico). É uma evidência extremamente preocupante e grave. Uma variante mais transmissível vai resultar em novos casos ligados a ela em poucos dias, gerando mais hospitalizações e mais óbitos. Ao que tudo indica, pela toada genocida de Bolsonaro e dos governadores, enfrentaremos ainda um longo e doloroso inverso.

CAPACIDADE DE CONTÁGIO DAS VARIANTES DA COVID-19



CAPITALISMO

Bilionários têm superlucros com pandemia

Uma conta realizada pela revista The Economist mostra que o número de mortes por Covid-19 em todo o mundo pode ter sido 7 a 13 milhões a mais do que o registrado. As vítimas estão principalmente na Ásia, África e América Latina, cujos dados são extremamente subnotificados.

Esse número enorme de vítimas é prova cabal da irracionalidade do capitalismo. Como podem morrer tantas pessoas de uma doença que já tem vacina? A realidade é que o capitalismo só quer lucrar com a pandemia. Um exemplo brasileiro é o Jorge Moll Filho, dono da Rede D'Or de hospitais privados, que enriqueceu espetacularmente de um ano para outro no setor de saúde: de US\$ 2 bilhões em 2020, seu patrimônio cresceu para US\$ 11,3 bilhões em 2021.

As vacinas – a maioria delas desenvolvida com dinheiro públi-

co – estão nas mãos de um punhado de monopólios farmacêuticos. Hoje 16% da população mundial (a maioria dos países imperialistas) detêm 60% das vacinas que serão produzidas em 2021, enquanto 84% se estapeiam pelos 40% restantes. Os EUA já começam a vacinar turistas que têm dinheiro para chegar ao país. Por esse motivo, a burguesia brasileira está indo para lá, enquanto muitas cidades suspendem a vacinação – inclusive da segunda dose – por falta do insumo.

QUEBRAR AS PATENTES

As patentes da grande indústria farmacêutica impedem a vacinação em massa. A patente é o direito de exclusividade que um laboratório tem de produzir e comercializar o imunizante e assim obter superlucros a partir desse monopólio. As patentes impedem que vacinas possam ser produ-

zidas em países com imensa capacidade industrial adequada, mas hoje ociosa, como Canadá, Brasil, México, Argentina, Índia, Egito, Coreia do Sul, entre outros. Apenas o Instituto Serum Institute, da Índia, é capaz de produzir 1,5 bilhão de doses ao ano, mas a capacidade produtiva do país se encontra subutilizada, enquanto mais de 4 mil indianos morrem (oficialmente, pois o número é bem maior) por dia de Covid-19.

POR QUE BIDEN MUDOU DE POSIÇÃO?

O Brasil tem dois institutos estatais (a Fiocruz e o Butantã), além de 30 outros laboratórios que produzem vacina animal que podem ser reconvertidos para produzir vacinas contra a Covid-19. Mas tudo isso ficou paralisado devido às patentes.

No dia 5 de maio, o governo Joe Biden anunciou uma mudan-



ça da posição do imperialismo sobre as patentes das vacinas. Desta vez, o governo dos Estados Unidos disse que vai defender na Organização Mundial do Comércio (OMC) a suspensão das patentes. Países importantes da Europa, como Alemanha e França, são contra a medida. Bolsonaro, que sempre foi contra a quebra de patentes, agora diz que vai seguir a nova ordem dos EUA. De qualquer modo, as diferenças entre os governos capitalistas não serão facilmente resolvidas, e as negociações podem demorar.

Mas a mudança de posição dos EUA não é resultado de uma guinada “humanitária”, em que prevalecem os critérios sanitários em “defesa da vida”. Biden está preocupado com duas questões: a necessidade de retomada da economia capitalista e a luta de classes.

Por um lado, o crescimento da economia dos EUA não é possível se não houver uma retomada mundial, impossibilitada pela continuidade da pandemia, o surgimento de novas variantes, que só aprofundarão

a crise e a recessão. Por outro, a crise social vem provocando explosões de rebeliões pelo mundo. Os casos mais recentes envolvem Peru, Paraguai e Colômbia, país no qual o governo promoveu um massacre para esmagar uma poderosa onda de greves e mobilizações (ver página 12). A rebelião na Colômbia é particularmente preocupante aos EUA, pois é seu aliado número 1 na América do Sul, abrigando bases militares estadunidenses. Essa mesma preocupação aflige os EUA com relação à Índia, país que é seu principal aliado na Ásia, na tentativa de conter a crescente influência da China na região.

Novos levantes sociais certamente ocorrerão ainda em 2021 com o aprofundamento da crise, e podem escapar cada vez mais do controle do imperialismo. Resta saber se a nova posição da Casa Branca não chegou tarde demais.

PROGRAMA

Vacina para todos já! Fora Bolsonaro e Mourão!

Bolsonaro é o maior militante a favor do vírus. Seu governo de morte é um obstáculo para a vacinação. Tirá-lo de lá é condição fundamental para enfrentar a pandemia e salvar vidas.

Quebrar patentes e investir em tecnologia

A saída para deter a pandemia e salvar vidas é enfrentar os monopólios e quebrar as patentes das vacinas, junto com investimento massivo em tecnologia para produzi-las em nosso país.

Lockdown por 30 dias já!

O lockdown combinado com vacinação em massa é uma necessidade para deter a circulação do vírus, de suas variantes mais perigosas e a terceira onda. Mas para garanti-lo é preciso auxílio emergencial de um salário mínimo, ajuda financeira e suspensão de taxas aos pequenos empresários e medidas para proteção dos empregos.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/KLOZ9](https://pstu.ml/kloz9)

JACAREZINHO

A maior chacina da polícia na guerra aos pobres e negros no Rio de Janeiro



PSTU-RJ

No dia 6 de maio, o Jacarezinho foi palco do maior massacre já cometido pela polícia do Rio de Janeiro numa só comunidade e de uma só vez.

Não que a polícia do estado não tenha se especializado em massacres nas comunidades carentes, sempre contra pobres, normalmente contra negros. Em 1994, a Polícia Civil matou 13 pessoas no Complexo do Alemão, com ajuda ilegal de policiais militares. Em 1995, a mesma Polícia Civil matou, de novo no Alemão, outras 13 pessoas. Em 2007, a Polícia Militar, a Polícia Civil e a Força Nacional de Segurança mataram mais 19 pessoas, novamente no Complexo do Alemão. Já em 2019, a PM matou 15 pessoas no Fallet. Em 2020, polícias Civil e Militar voltaram a matar no Alemão, desta vez, 13 pessoas.

Após a operação da Polícia Civil neste dia 6, e até o fecha-

mento desta edição, havia a confirmação de 29 mortos, mas seguem relatos de desaparecidos. Ou seja, os números da chacina podem ser ainda maiores. Morreu também, na operação, o policial André Frias.

UMA COINCIDÊNCIA NADA ESTRANHA

Bolsonaro havia visitado o atual governador do Rio, Cláudio Castro, dois dias antes do massacre. Eles podem ou não ter falado sobre segurança pública e, inclusive, sobre esta operação, especificamente. Há muitos indícios de que operações como esta, entre outras coisas, favoreçam as milícias. Também há evidências de sobra sobre o envolvimento da família Bolsonaro com esse tipo de organização.

Tendo ou não sido assunto entre eles, os fatos indicam uma profunda inspiração bolsonarista nos acontecimentos. Em primeiro lugar, porque Cláudio Castro, hoje, é um dos governa-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/LU9GV](https://pstu.ml/lu9gv)

dores mais assumidamente bolsonaristas no país, ao ponto de a imprensa comentar sobre seu exagero em manifestar sua vinculação ao presidente.

Além disso, porque este sentimento de liberdade total para agir impunemente tem sido uma marca registrada do governo Bolsonaro, que se caracteriza por liberar as forças mais horrendas, que nunca foram

devidamente punidas e que habitam os porões dos órgãos repressivos desde os tempos da ditadura militar, e organizar forças milicianas paramilitares, de extrema-direita, para suas ameaças golpistas.

A sensação de impunidade e a sintonia com o discurso e atos bolsonaristas entre os que dirigiram as operações no Jacarezinho são tão fortes que, no final

da tarde do dia 6, um grupo de polícias civis deu uma entrevista na qual atacou ao que chamam de “ativismo judicial”; ou seja, os defensores dos Direitos Humanos, em geral, e o STF, em particular. Os delegados ainda afirmaram que tinham certeza que todos os mortos eram criminosos, apesar de que ainda não sabiam a identidade de nenhum deles.

GUERRA CONTRA POBRES E NEGROS

Os “culpados de sempre”



A comunidade do Jacarezinho é uma das mais pobres do Rio de Janeiro. Para que se tenha uma ideia, 15% da população vivem abaixo da linha da miséria e a

renda per capita é de R\$177,98, a 4ª mais baixa do município.

Dos 28 mortos pela Polícia Civil, apenas uma parte foi identificada. Este dado é impressionan-

te e fala por si mesmo. A polícia afirmou, em coletiva à imprensa, que matou 28 “bandidos” e apresentou-se como defensora da “sociedade de bem”.

Já o governador do estado defendeu que a operação foi “pautada e orientada por um longo e detalhado trabalho de inteligência e investigação”. E os filhos de Bolsonaro também se pronunciaram sobre o fato, lamentando apenas a morte do policial e ignorando as outras vidas que foram ceifadas.

No entanto, 24 horas após o massacre, não se sabia quem foram os mortos, se eles estavam ou não relacionados à operação inicial, se tinham passagens pela polícia e não se sabia sequer os nomes das vítimas desta heca-

tombe. Isto em uma operação que contava com helicópteros, quatro blindados, 290 policiais e supostos 10 meses de planejamento, serviços de inteligência e investigação.

Todo este aparato foi colocado a serviço de entrar em uma das regiões mais pobres da cidade, atirando e expondo às balas uma população de pobres, de muito pobres, majoritariamente negros, trabalhadores, pais de família, o que resultou em pelo menos 29 pessoas que eles não sabem quem são.

Uma ação digna do exército de Israel contra os palestinos, do exército branco sul-africano nos tempos do apartheid assumido contra a população negra daque-

le país, dos exércitos norte-americanos no Oriente Médio. Uma ação, enfim, típica de um “exército de ocupação” contra uma população civil que é vista com hostilidade e medo.

Algo que ficou evidente na opinião emitida por Hamilton Mourão, o vice-presidente da República. “Isso é a mesma coisa que se a gente tivesse combatendo num país inimigo. Quase a mesma coisa. Consequentemente, houve esse combate de encontro e tenho quase que absoluta certeza, não tenho todos os dados disso, que os mortos eram os marginais que estavam lá, armados, enfrentando a força da ordem”, declarou o general da reserva à imprensa, no dia 7 de maio.

UMA POLITICA FALIDA

A verdade sobre a chacina e a atual política de segurança pública

A operação da Polícia Civil para prender 21 suspeitos de envolvimento com o tráfico de drogas, aliciamento de menores para o crime e, inclusive, o sequestro de trens da Supervia foi, além de um fracasso do ponto de vista da Inteligência e de seus supostos objetivos iniciais, um ato ilegal, pois notadamente se deu contra a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que proíbe as operações policiais nas comunidades enquanto durar a pandemia.

Segundo a própria polícia, o soldado morto em ação foi vítima de um tiro ao descer do blindado em que estava para retirar uma das barreiras colocadas pelos traficantes. O tiro teria partido de uma casa-mata de concreto armado. Se isso é verdade, o que se pode dizer é que 10 meses de inteligência e investigação sequer localizaram os locais onde os traficantes haviam se fortifi-

cado para deter a polícia. Só essa informação já basta para desmontar a falácia da operação bem planejada.

As polícias, Civil e Militar, têm sido, no decorrer dos anos, as principais responsáveis por mortes violentas no estado. Somente no primeiro trimestre deste ano, já mataram mais de 453 pessoas. Isso em pleno vigor da decisão do STF. E durante esse período o tráfico não somente não acabou, como as milícias (máfias e verdadeiras organizações criminosas, que ocupam os lugares e os negócios do tráfico) avançaram.

Parafraseando Darcy Ribeiro, o que temos na segurança pública não é uma crise, mas um projeto. E este projeto, em primeiro lugar, atinge os setores mais pobres e vulneráveis da população. Em 2019, 80% dos mortos pela polícia do Rio eram negros; em 2017, esse índice subiu para 90%. Ou seja, há um nítido viés racista na

violência cotidiana praticada pelos agentes do Estado.

Não existe relação entre as operações policiais e a diminuição da violência. Pelo contrário. Nos meses que se seguiram à liminar do STF, observou-se a queda de todos os índices de violência, particularmente a violência letal, no Rio de Janeiro. Para além disso, também houve uma diminuição do número de roubos de rua.

Outro aspecto da falência da atual política de segurança pública é o efeito que ela tem entre os agentes de segurança. A maior causa de mortes violentas entre os policiais é o suicídio. A verdade é que temos um sistema de segurança pública que, por um lado, mata indiscriminadamente os setores mais vulneráveis da população e, ainda, causa diversos graus de sofrimento em seus próprios agentes.

Além disso, dados que comparam a localização das operações policiais nos últimos anos



demonstram uma clara associação entre um maior número de operações policiais e os territórios em disputa entre facções de narcotraficantes, em comparação com os territórios dominados por milícia. Mais do que uma vista grossa, os dados expressam que a polícia tem cumprido o papel de “abrir ter-

ritórios” para a expansão das milícias na cidade.

Neste sentido, o governador Cláudio Castro, vice desconhecido de um juiz condenado por corrupção e bolsonarista de carteirinha, é o principal responsável por mais esta terrível chacina e deve ser responsabilizado criminalmente.

CHEGA DE CHACINAS!

Por uma segurança pública sob controle dos trabalhadores e das comunidades



A atual cúpula da PM, da Polícia Civil e do governo do estado são criminosos que precisam ser investigados, condenados e presos. O mesmo tratamento que deve ser dado àqueles envolvidos em crimes contra a população.

Mas, mais do que apontar os erros, é necessário ter um projeto de segurança pública para o estado e o país. É preciso acabar com a falácia da “guerra às drogas”, e, no geral, com a concepção de “guerra ao crime”; pois, além de não atingir esse negócio bilionário (na verdade, o mantém e amplia), as tais “guerras” são usadas como justificativas para a violência, os assassinatos e o encarceramento, em uma verdadeira guerra aos pobres e negros.

É preciso legalizar o consumo de todas as drogas e, ao mesmo tempo, controlar sua produção e venda. A questão das drogas deve ser tratada como uma questão de saúde pública, com o tratamento dos casos de consumo abusivo de substâncias hoje consideradas ilegais.

É preciso encarar os grandes negócios ilegais. E como eles têm ramificações na economia legal, o mero controle dos bancos permitiria saber de onde vêm e para onde vão as grandes somas de dinheiro oriundos do tráfico de drogas e armas. Bastaria controlar os bancos para acabar com os negócios ilegais que se quer combater.

A violência oriunda do desespero social, como o furto, o roubo de pequena monta e

mesmo a participação em negócios ilegais (como o jogo ou o pequeno tráfico) podem ser drasticamente reduzidos com medidas sociais que garantam emprego, renda, moradia, saneamento, educação e saúde.

As atuais polícias, Militar e Civil, são controladas por oficiais e delegados com todo tipo de ligações políticas e criminais. Esses oficiais e delegados são irreformáveis. Estas polícias, nestes moldes, precisam acabar.

Necessitamos de uma polícia única, controlada pelas comunidades, sem patentes, com seus oficiais eleitos democraticamente; com as polícias tendo direito a sindicalização e à plena participação na política nacional.

PALESTINA LIVRE

De Gaza a Jerusalém, basta de limpeza étnica na Palestina



SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)

“Vamos dormir com as mãos sobre o peito, porque nunca sabemos se vamos morrer nessa noite.” A frase é da palestina Maram Hamdan, uma das mães que vivem mais uma vez o massacre sionista em Gaza neste momento. Em live organizada pela ativista brasileira Karine Garcêz em seu canal, no dia 19 de maio, Maram chamou atenção para o genocídio que ocorre na estreita faixa e que já deixou 219 palestinos mortos, entre os quais 36 mulheres e 63 crianças. “Estou com a mochila pronta, com passaporte, documentos, porque temos apenas cinco minutos para deixar a casa se resolverem bombardear.”

Ruayda Rabah, palestino-brasileira que vive na Cisjordânia, trouxe outro relato da dramática situação: “Em 2013, um menino palestino perdeu toda sua família num bombardeio em Gaza. Só ficou ele e a irmã, a qual morreu no massacre em 2014. Há mais ou menos cinco dias esse jovem se jogou de um prédio de oito andares, se suicidou porque não suportou outro genocídio.”

E continuou: “As mulheres palestinas não aguentam mais enterrar seus filhos, visitar seus pais, maridos e filhos nas prisões israelenses por alguns minutos e passarem por humilhação. A situação aqui é insuportável. Em poucos dias foram 26 jovens mortos na Cisjordânia, todos com tiros na cabeça ou no coração, porque estão resis-

tindo, defendendo sua terra. E agora temos a pandemia de Covid-19 com várias pessoas na UTI e não há leitos para tratar os feridos nos hospitais. As mulheres com entes queridos nas UTIs estão pedindo que eles sejam removidos dos leitos caso cheguem jovens em estado grave.”

Maram indigna-se: “Não consigo entender porque o mundo se cala diante de tanta injustiça desde 1948. Nós não podemos respirar há 73 anos.”

NAKBA

A referência é à Nakba, a catástrofe com a criação do Estado racista de Israel em 15 de maio de 1948 em 78% da Palestina histórica, mediante limpeza étnica planejada pelo sionismo. Naquele momento foram expulsos violentamente 800 mil pales-

tinós de suas terras e destruídas cerca de 500 aldeias. Há registros históricos de genocídio em pelo menos 31 desses vilarejos. Em 1967, Israel ocupou militarmente os 22% restantes: Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Mais 350 mil palestinos se somaram ao contingente

enorme de refugiados, que hoje somam 5 milhões em campos nos países árabes, mais milhares na diáspora mundo afora.

A sociedade, há 73 anos, segue completamente fragmentada, com aproximadamente metade de seus mais de 13 milhões de palestinos fora de suas



terras. Neste momento, a resistência heroica e histórica une a fratura imposta pelo projeto colonial sionista. A Nakba continua, e os palestinos gritam ao mundo o que Ruayda e Maram chamam atenção: não aguentam mais e têm dado suas vidas para pôr fim à catástrofe.

RESISTINDO À EXPULSÃO

Sheikh Jarrah, o início da revolta

A busca do Estado sionista de escrever com sangue palestino mais um capítulo da limpeza étnica no pequeno bairro palestino de Sheikh Jarrah, em Jerusalém, detonou a revolta espontânea, sem liderança dos partidos tradicionais. A resistência toma as ruas em toda a Palestina histórica, na diáspora mundo afora e nos campos de refugiados nos países árabes.

Na Palestina de 1948 (onde hoje se denomina Estado de Israel), centenas de palestinos se unem aos protestos em diversas cidades. A repressão israelense, que conta com uma milícia armada de colonos sionistas, tem sido violenta. Vários palestinos ficaram feridos e têm sido presos. Em Lod, um foi morto na segunda-feira, dia 10, e o Estado sionista declarou estado de emergência. Os “palestinos de 1948” somam cerca de 1,5 milhão de pessoas que descendem dos poucos remanescentes da Nakba após a ocupação de 1948. Eles vivem sob 60 leis racistas, sen-

do tratados como cidadãos de segunda ou terceira categoria.

Na Cisjordânia, ocupada em 1967, os cerca de 3 milhões de palestinos – que enfrentam regime institucionalizado de apartheid – se somam igualmente na resistência. A violência da ocupação é sempre brutal. Já matou 26 palestinos e feriu mais de 500. São muitos os presos políticos. Em Ramallah, a Autoridade Palestina, gerente da ocupação, chegou a reprimir um protesto há alguns dias.

Nesta terça-feira, dia 18, a classe trabalhadora da Cisjordânia, de Gaza e da Palestina de 1948 protagonizou forte greve geral. A solidariedade internacional se amplia. Dias antes, portuários da Itália haviam se recusado a carregar navios com remessas de armas que seriam usadas no massacre israelense.

PAÍSES VIZINHOS

Também do Líbano e da Jordânia, mostras da resistência. Além de protestos a partir dos campos de refugiados, foram, juntamente com os outros ára-

bes desses países, às fronteiras exigir que sejam derrubadas. Em Amman, capital da Jordânia, exigiam o fim do tratado de paz que normalizou em 1994 as relações com Israel e o fechamento da embaixada sionista. A resistência desafia os inimigos da causa palestina, identificados pelo revolucionário palestino Ghasan Kanafani (1936-1972): o imperialismo/sionismo, os regimes e burguesia árabes.

IMPERIALISMO

Enquanto os Estados Unidos seguem a enviar ajuda militar bilionária anual de US\$ 3,8 bilhões e Biden aprovou em 5 de maio US\$ 735 milhões para armas a



Muitas fotos captaram o momento em que palestinos sorriem quando são presos pela repressão sionista. Sorrir, como dizia o humorista Paulo Gustavo, é um ato de resistência.

Israel matar mais, mantendo o apoio estratégico ao seu enclave militar – e, por isso, enfrentando uma crise interna jamais vista antes –, essa resistência mostra que a quarta potência bélica não pode derrotar quem sabe por que luta, quem tem a justiça a seu

lado e inspira oprimidos e explorados em todo o mundo. Que floresça a Intifada (levante popular) e de seu interior surja uma direção revolucionária. Rumo à Palestina livre, do rio ao mar.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/1065B](https://pstu.ml/1065B)

SAIBA MAIS

Conheça a resistência palestina com os livros da Editora Sundermann



ENTREVISTA: MARÍA RIVERA

“Ação da maioria dos trabalhadores é a única possibilidade de mudar de fato o Chile”

No dia 16 de maio, o povo chileno foi às urnas eleger os parlamentares que irão escrever a nova Constituição do país. O principal fenômeno deste processo foi a eleição de candidatos independentes ligados às lutas sociais (48 dos 155 constituintes), superando a votação dos partidos tradicionais de direita e da esquerda reformista. María Rivera, do MIT (Movimento Internacional dos Trabalhadores, seção da Liga Internacional dos Trabalhadores – LIT), foi uma das constituintes eleitas por uma lista independente. Reconhecida no país por sua luta em prol dos presos políticos, María falou sobre a eleição ao Opinião Socialista.

Opinião - Você foi eleita com mais de 18 mil votos, a 4ª mais votada do Distrito 8, o maior do país. A que você deve isso?

María Rivera - Sem dúvida isso se deve ao processo revolucionário que se abriu no dia 18 de outubro de 2019. A raiva e o descontentamento generalizado do povo trabalhador foram os principais fatores que fizeram a nossa candidatura ser eleita. Além disso, tenho uma importante trajetória pessoal de luta social. Nos últimos 10 anos, defendi centenas de presos políticos, mapuche [povo originário mais importante do Chile], dirigentes sociais e sindicais. Então, sou muito respeitada por ativistas de diferentes ideologias políticas dentro da esquerda. Nossa participação na Lista do Povo [coalizão eleitoral de independentes] também foi um fator decisivo, já que uma enorme parcela da classe trabalhadora votou por candidaturas que não eram dos partidos tradicionais. Estamos muito felizes por nossa votação, em um dos distritos

eleitorais mais populares e operários do país.

Fale sobre expressiva votação dos independentes, da eleição de candidatos indígenas, feministas e outros ativistas das lutas sociais.

Um dos principais jornais burgueses do país (El Mercurio), para descrever o resultado eleitoral, escreveu que os independentes não simplesmente “mexeram as peças no tabuleiro”, mas que

“A raiva e o descontentamento generalizado do povo trabalhador FORAM OS PRINCIPAIS FATORES que FIZERAM nossa candidatura ser eleita”

“instalaram um tabuleiro novo”. Efetivamente, a grande quantidade de independentes demonstra o rechaço da população aos partidos que governaram nos últimos 30 anos. Algumas candidaturas muito importantes foram eleitas, principalmente de ativistas que

são parte do processo revolucionário - Rodrigo Rojas Vade, Natividad Llanquileo-mapuche- e outras. Também entraram candidatos LGBTs e feministas [a principal candidatura feminista não conseguiu se eleger, de Karina Nohales].

Acreditamos que os independentes serão muito importantes para representar as demandas populares dentro da Convenção, mas acreditamos que a única forma que a classe trabalhado-

ra tem de realmente impor suas reivindicações é com mobilização e organização fora da própria Constituinte. Também vemos uma limitação importante das candidaturas independentes. Em sua maioria, seus programas são muito parecidos aos programas reformistas da Frente Ampla e do Partido Comunista. Basicamente, querem que o Chile seja um Estado de Bem Estar Social com uma Constituição que garanta direitos sociais básicos como saúde, educação e moradia, mas não questionam as bases econômicas que mantêm o país totalmente refém das transnacionais e das famílias burguesas chilenas mais ricas.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/Q4BOY](https://pstu.ml/Q4BOY)

A direita não conseguiu chegar a um terço da Constituinte que precisava para frear as mudanças constitucionais. Contudo, o grande empresariado ainda pode se apoiar neles e nos partidos da esquerda reformista para impedir as transformações que o Chile precisa. Fale sobre isso.

Exatamente. A direita não conseguiu chegar a um terço, mas os partidos financiados pela grande burguesia sim. Toda a coalizão de “centro-esquerda”, onde está o Partido Socialista, o Partido Radical, entre outros, é uma coalizão burguesa. Em temas centrais como propriedade privada, renacionalização do cobre, o caráter burguês do Estado, autonomia do Banco Central e outros, também os reformistas da Frente Ampla e do Partido Comunista farão um bloco com os constituintes burgueses. É possível que haja diferenças entre eles, por exemplo, o Partido Comunista defende uma maior presença do Estado na economia, mas essas diferenças não são tão radicais a ponto de não negociarem. A única candidatura revolucionária e socialista é a nossa.

Qual vai ser sua primeira proposta na Constituinte e como será o seu mandato?

Em primeiro lugar, vamos propor não respeitar o Acordo pela Paz que deu origem ao Processo Constituinte e que impõe condições que limitam muito o trabalho da Constituinte. Isso significa derrubar o quórum de [dois terços é o mínimo neces-

sário aprovar qualquer medida na Constituinte], não respeitar os Tratados de Livre Comércio já assinados pelos governos anteriores e aprovar a destituição do governo de Piñera e do Parlamento atual. Nós propomos que a Constituinte destitua o governo e o Parlamento e eleja um governo provisório, porque a Constituinte, ainda que seja também um “Parlamento” que deforma muito a vontade popular, hoje é o único órgão institucional com alguma legitimidade para o povo. Então, vamos propor que a Constituinte eleja um novo governo provisório para convocar novas eleições em todos os âmbitos e com critérios mais democráticos (inclusive para a própria Constituinte), para que a vontade popular seja realmente representada.

Vamos propor ainda que a Constituinte vote a libertação de todos os presos políticos. Essas são as primeiras medidas. Mas o mais importante é que queremos utilizar essa tribuna para demonstrar à maioria dos trabalhadores que a única possibilidade de mudar de fato este país é com a expropriação das 10 famílias mais ricas e suas empresas, das transnacionais mineiras e grandes bancos. Sabemos que tudo isso só se conseguirá com uma enorme mobilização e greve geral, por isso, nosso mandato estará à disposição da organização dos trabalhadores por fora da Constituinte. Nossa prioridade não será o trabalho parlamentar e negociações com os outros constituintes.



COLÔMBIA

Onda de revoltas **empareda** governo e regime repressivo

WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DE SÃO PAULO (SP)

Quando fechávamos esta edição, o povo colombiano estava no 22º dia consecutivo da Paralisação Nacional, movimento que começou no dia 28 de abril, como uma paralisação de 24 horas contra a Reforma Tributária através da qual o presidente Iván Duque queria jogar os custos da crise sobre as costas dos trabalhadores.

Contudo, há muito, o movimento já ultrapassou este objetivo. A Reforma caiu em 2 de maio, carregando, no dia

seguinte, o ministro da Economia Alberto Carrasquilla. Mas, nem isto conteve os protestos, que se generalizaram e, cada vez mais, se voltam não só contra o governo e seus planos (particularmente o de privatização total do sistema de saúde), mas, também, contra o regime do qual Duque é herdeiro e representante.

Este regime é conhecido como “uberismo”, em referência ao governo do ex-presidente Álvaro Uribe que, principalmente a partir de 2009, assumiu um perfil ditatorial, altamente repressivo, centralizador e autoritário,

adotando medidas de “contra-insurgência”, solidamente apoiado nas Forças Armadas e policiais, no famigerado Esquadrão Móvel Antidistúrbios (ESMAD) e em grupos paramilitares.

Tudo isto para tentar conter a crescente insatisfação popular e mobilizações contra os planos neoliberais que, como em todo mundo, resultaram em altos índices de precarização; num crescente desemprego, que, hoje, atinge 15,9% da população; e na ampliação da fome e da miséria que faz com que 42,5% dos colombianos vivam abaixo do nível de pobreza.



REVOLTA

Um explosivo levante popular, apesar da pandemia e da brutal repressão



Apesar do nome de “Paralisação Nacional”, a luta não

tem se caracterizado (ainda) por greves. O que se tem visto,

dia após dia, são milhares de pessoas tomando as ruas em passeatas e realizando assembleias massivas para discutir seus problemas. À frente, estão principalmente os setores populares mais precarizados e oprimidos (com forte participação das mulheres), as comunidades indígenas e afrodescendentes, a juventude, os camponeses empobrecidos e os moradores das periferias que, como mundo afora, são também os mais atingidos pela pandemia, que já matou mais de 80 mil pesso-

as, num país com cerca de 50 milhões de habitantes.

Gente que não tem dado arrego, apesar da violentíssima repressão que, de acordo com Comando Nacional da Paralisação (CNP), até o dia 16 já havia resultado em 50 mortos, 578 feridos, 37 pessoas com lesões oculares, 1.430 detidos, 524 pessoas desaparecidas e 21 mulheres estupradas, havendo, também, relatos de violência sexual contra membros da comunidade LGBTI.

O atual levante precisa ser entendido dentro de um con-

texto mais amplo. Em novembro de 2019, houve uma paralisação nacional de três dias e desde o início da pandemia há registros de lutas, não só contra a piora das condições de vida, mas, também, contra a repressão. A diferença, agora, não é só a duração de três semanas, mas o envolvimento de diversos outros setores. Além disso, inúmeros postos policiais e prédios das instituições de poder têm sido atacados ou, ainda, símbolos da opressão, do passado colonial e da exploração capitalista.

PARA AVANÇAR NA LUTA

Greve Geral e Encontro de Emergência

No dia 18, teve início uma rodada de negociações entre a direção do CNP e o governo Duque. Um processo que tem vários entraves. Para começar, o governo se nega a garantir o fim da repressão, ponto prévio para qualquer acordo. Pior: promete intensificá-la, ameaçando usar da força para por fim aos bloqueios e, também,

decretar “Estado de Comoção Interna” (similar ao nosso “Estado de Emergência”).

Além disso, o CNP, composto, majoritariamente, pela velha burocracia sindical, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), está longe de representar a composição e os anseios das massas. Aliás, o que tem se visto é um

intenso processo de auto-organização também para defender os manifestantes contra a brutalidade, principalmente através das chamadas “Primeira Líneas” (Pelotões de Frente ou Comitês de Autodefesa, inspirados na luta chilena), Guardas Indígenas e “Cimarronas” (algo como “Guerreiros Quilombolas”).

Diante disto, o PST colombiano aponta a necessidade de ações combinadas, para fazer com que a luta contra o governo e o regime avance: o desenvolvimento destes organismos de auto-organização, a entrada em cena da classe operária e a construção de uma nova direção. “Conclamos a convocação de uma Reunião de Emergência,

que eleja uma nova liderança, fortaleça as lutas e que direcione a Paralisação Nacional para o chamado de uma greve geral, porque só a paralisação da produção poderá fazer com que a burguesia ponha um fim aos seus planos e ações criminosos”, diz a nota publicada pela organização-irmã do PSTU, no dia 18 de maio.

mural

MOVIMENTO

Metroviários de São Paulo fazem greve e arrancam nova proposta de acordo

Em resposta à intransigência da direção da empresa e do governo do Estado, que insistiam com uma proposta que retirava direitos, os metroviários de São Paulo realizaram, no último dia 19, uma forte greve, o que obrigou o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) a convocar uma nova reunião de negociação, forçando a presença dos representantes do Metrô, que não tinham comparecido à reunião anterior.

Foi justamente a ausência dos representantes do Metrô na negociação que levou os trabalhadores a aprovarem a greve, já que a empresa não abria mão de uma proposta cheia de ataques aos direitos da categoria.

“A culpa da greve foi do governo de São Paulo. Do Dória, do secretário do Transporte, e dos seus



Altino explica para o povo as razões da greve do metrô

representantes. Nesse sentido, a proposta que a empresa nos fez era uma proposta absurda”, disse Altino Prazeres, coordenador do Sindicato dos Metroviários de

São Paulo e militante do PSTU.

Altino ressaltou que, para além das pautas econômicas, os metroviários cruzaram os braços contra a privatização, em defe-

sa de um transporte público de qualidade. “As nossas reivindicações são as mesmas do povo trabalhador. Nossa luta é em defesa do metrô público e estatal de qualidade. Queremos vacina para todos e todas, já, e o fim das contaminações no transporte público. Estamos contra a tarifa exorbitante que é paga pelos usuários e pela manutenção de nossos direitos. O que nos move é a certeza de que não queremos que ninguém morra de fome ou do vírus”, pontuou.

Os metroviários realizaram uma grande greve e uma mobilização exemplar, com quase 90% de participação. Na Audiência de Conciliação, foi apresentada uma proposta para acordo e “cláusula de paz”, com garantia de não demissão ou punição de qualquer

trabalhador que tenha participado da greve. A proposta do TRT considerou um reajuste de 7,79% sobre salários, vale-alimentação e vale-refeição.

“Vamos voltar ao trabalho, em apoio à população, para dialogar e dizer ao Secretário de Transportes, Alexandre Baldy, para o governador João Dória (PSDB) e para a direção da empresa: respeitem a categoria metroviária. A proposta do TRT não é ideal, mas, agora, é dever do governo e da empresa cumprirem esse acordo proposto pelo TRT. Agradecemos o apoio da população, de todos os ativistas e trabalhadores de outras categorias e parabenizamos a categoria metroviária. Vamos seguir organizados, por baixo, para derrubar os de cima”, finaliza Altino.

PRISÃO JÁ!

PF faz operação contra o ministro bandido Ricardo Salles

O cerco se fecha contra o ministro bandido Ricardo Salles (do Meio Ambiente). Na manhã do dia 19 de maio, a Polícia Federal fez uma operação na casa do ministro, que foi condenado pela justiça de São Paulo por fraudar mapas da várzea do rio Tiête, quando era Secretário do Meio Ambiente do estado.

A PF também detectou uma “movimentação extremamente atípica” nas contas bancárias do escritório de advocacia no qual o ministro Salles é sócio, com 50% de participação.

Outra coisa que está sendo investigada é um despacho da presidência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), de 25 de fevereiro de 2020, que elimina a exigência de autorização de exportação de madeira por parte do órgão ambiental federal. Isso mesmo! O governo permitiu o envio de

madeira para o exterior sem a necessidade de nenhum documento que comprove sua origem e legalidade. A medida absurda foi assinada por Eduardo Bim, presidente do Ibama que foi afastado do cargo pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Em janeiro, foi realizada a apreensão de três contêineres da empresa Tradelink com madeira brasileira, no porto da Savannah (EUA), embarcados no Pará. A superintendência do Ibama no Pará enviou cartas de “certidão” às autoridades norte-americanas, para conseguir sua liberação. Em 25 de fevereiro, as autoridades norte-americanas receberam a cópia do despacho de Bim eliminando a exigência do aval do Ibama.

Confusas, as autoridades norte-americanas enviaram uma mensagem para a PF, por meio da sua embaixada. “À luz do exposto, o FWS [Serviço da



Ricardo Salles, o ministro dos madeireiros

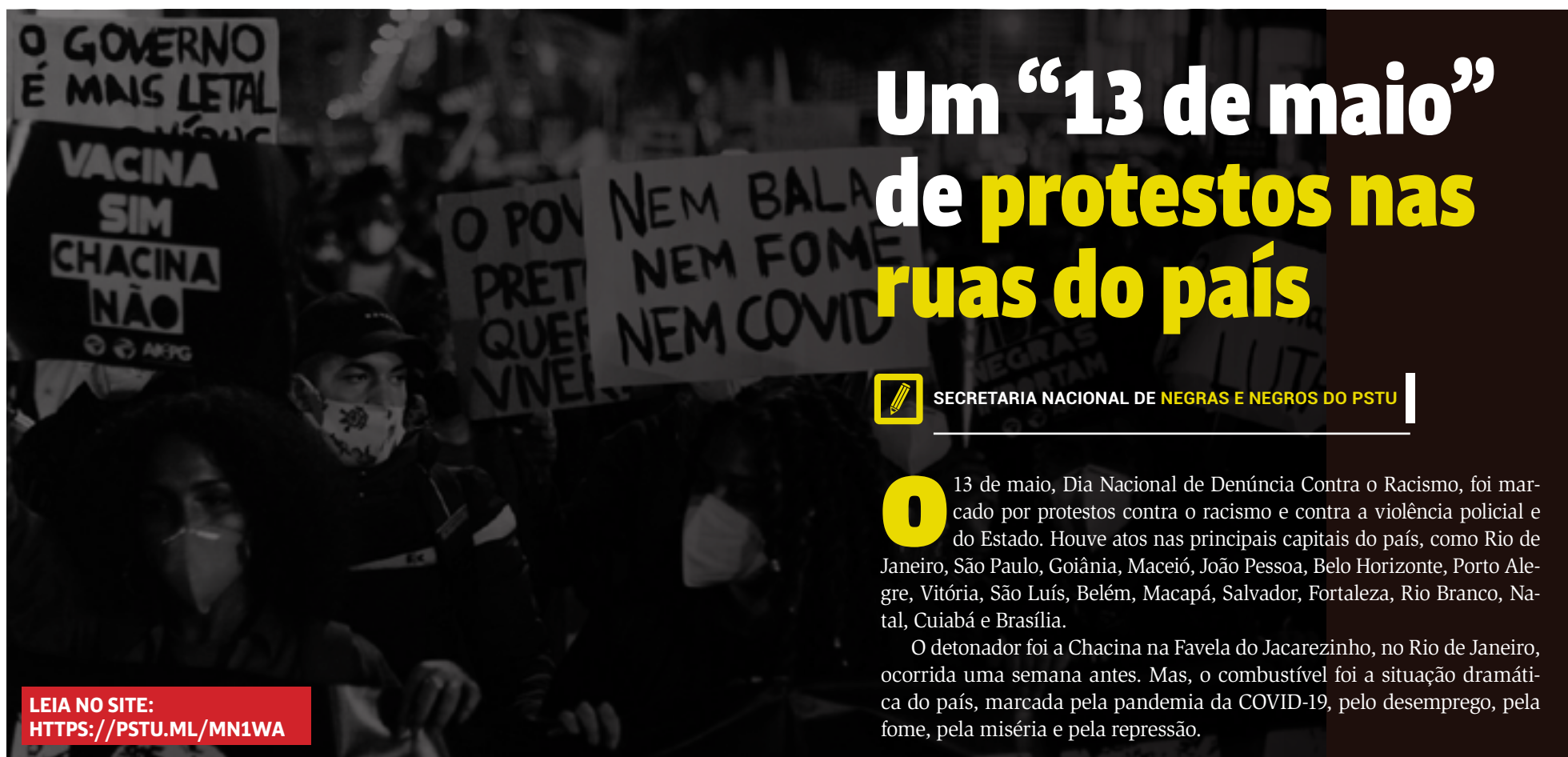
Vida Selvagem e Pesca, órgão ambiental americano] tem preocupações com relação a possíveis ações inadequadas ou comportamento corrupto por representantes da Tradelink e/ou funcionários públicos responsáveis pelos processos legais e sustentáveis que governam a extração e exportação de produtos de madeira da região

amazônica”. Ou seja, os gringos perceberam a armação e a deduraram para polícia.

O cambalacho do Ibama não foi feito sem o conhecimento de Salles, que hoje atua explicitamente a favor de madeireiros e grileiros de terras na Amazônia. Basta lembra que há algumas semanas, Salles entrou em confronto com o delegado

da PF Alexandre Saraiva. O ministro defendeu publicamente empresas envolvidas na maior apreensão de madeira da história, ocorrida em dezembro, na divisa do Pará com o Amazonas. O delegado foi afastado por Bolsonaro. No dia da operação da PF contra Salles, o delegado tuitou: “Cantem de alegria todas as árvores da floresta”.

LUTA CONTRA O RACISMO



Um “13 de maio” de protestos nas ruas do país



SECRETARIA NACIONAL DE **NEGRAS E NEGROS DO PSTU**

O 13 de maio, Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo, foi marcado por protestos contra o racismo e contra a violência policial e do Estado. Houve atos nas principais capitais do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia, Maceió, João Pessoa, Belo Horizonte, Porto Alegre, Vitória, São Luís, Belém, Macapá, Salvador, Fortaleza, Rio Branco, Natal, Cuiabá e Brasília.

O detonador foi a Chacina na Favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, ocorrida uma semana antes. Mas, o combustível foi a situação dramática do país, marcada pela pandemia da COVID-19, pelo desemprego, pela fome, pela miséria e pela repressão.

OS ATOS PELO PAÍS

Em virtude da forte indignação negra por baixo, a Coalizão Negra por Direitos (CND) convocou esses atos do “13 de maio”. A CND é uma organização que reúne movimentos e coletivos negros, e que conta com apoio de intelectuais e artistas negros. Em todos os estados, contudo, as manifestações contaram com a participação de movimentos, entidades e organizações sociais e políticas que não compõem a Coalização.

Nós do PSTU também participamos ativamente destes atos unitários, defendendo que é preciso ampliar as mobilizações para derrubar esse governo. Mas, diferente da CND, não acreditamos que seja possível combater o ra-

cismo sem combater, também, o capitalismo. Como também não semeamos a ilusão de que é possível resolver os problemas imediatos e históricos de negros e negras em aliança com a burguesia.

Em São Paulo, uma passeata iniciada na Avenida Paulista caminhou até o Centro da cidade, contando com mais de seis mil manifestantes. Para Luiza, da Rebeldia – Juventude da Revolução Socialista, “não estamos no mesmo barco. Os ricos estão nos iates deles, enquanto a nossa classe trabalhadora e a juventude negra estão lutando por salva-vidas”.

Para o Chavoso, estudante da Universidade de São Paulo e “youtuber”, a Chacina do Jacarezinho foi um estopim. “O Estado burguês foi matar a gen-

te dentro de casa”, denunciou, lembrando, ainda, que a quarentena nunca existiu para o povo pobre e trabalhador.

Vera Lúcia, da direção nacional do PSTU, exaltou o ato no “13 de maio”. “Nós, negros e negras, saímos das senzalas sem direito à terra, à moradia e ao trabalho. Somos os que mais sofremos com a violência do Estado. Hoje, é fundamental botar pra fora o governo genocida de Bolsonaro. Mas, também, é preciso construir uma revolução em nosso país, porque essa sociedade capitalista é incapaz de resolver os problemas da nossa classe e incapaz de resolver os problemas dos negros e negras”, afirmou Vera, que também é dirigente de nossa Secretaria de Negras e Negros.

No Rio de Janeiro, o ato contou com cerca de 1.500 pessoas e aconteceu na Candelária, local também marcado por uma chacina, em 1993. O petroleiro Pedro Villas Boas denunciou a violência policial. “Exigimos a investigação e punição de todos os responsáveis pela Chacina do Jacarezinho. Esse ato vem denunciar o genocídio que o bolsonarismo tem implementado no Rio de Janeiro e no país, seja pelo vírus, seja pelo tiro”, ressaltou o militante do PSTU-RJ.

O ato em Belo Horizonte foi muito representativo, com a participação de partidos e movimentos de luta contra o racismo. Contou com a presença de centenas de jovens, principalmente, negros e negras da cidade.

Em São Luís, também aconteceu um forte ato. Hertz Dias, candidato à prefeitura de São Luís pelo PSTU no ano passado, estava lá e denunciou a farsa da guerra às drogas, ressaltando que é urgente botar abaixo esse governo. “Bolsonaro está boicotando a vacinação no país para avançar seu projeto genocida. É preciso parar o coração do capitalismo e quero ver se Bolsonaro não cairá se houver uma greve sanitária nesse país”, disse o dirigente do PSTU, lembrando, ainda, que não queremos apenas revanche: “Queremos controlar a produção e a distribuição de toda riqueza e derrubar esse sistema e essa classe de parasitas que nos exploram, nos oprimem e nos matam”.

O CAPITALISMO E O RACISMO MATAM

Morte ao capitalismo e ao racismo!

Nós do PSTU defendemos que é preciso ocupar as ruas novamente em atos unitários para derrubar Bolsonaro e sua gangue miliciana; mas que, também, é preciso derrubar este sistema.

O capitalismo é o mesmo sistema que sequestrou, traficou e escravizou nossos ancestrais negros e negras. A barbárie é a única coisa que esse sistema reserva para nosso povo e a nossa

classe. E mesmo que no decorrer do tempo tenhamos vencido, com muito suor, algumas batalhas contra o racismo, jamais venceremos a guerra contra ele se não lutarmos, também, para derrubar o capitalismo.

Nesse sistema, as vidas de negros, dos pobres e dos trabalhadores não valem nada! Então, se nossas vidas não valem nada no capitalismo, que morra o capitalismo!

Precisamos de uma revolução socialista para garantir vida digna para os trabalhadores e todos os demais setores oprimidos, como mulheres, LGBTIs e indígenas, com comida, trabalho e moradia decentes. Para obter isso, precisamos acabar com a exploração, pondo abaixo esse sistema e criando um Estado governado pelos trabalhadores, apoiado em conselhos populares.

